

APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA

Docente, pesquisadora, educadora, ensaísta, personalidade intelectual de renome no âmbito das Letras, no país e no exterior, a Professora Doutora Nelly Novaes Coelho - Professora Titular da FFLCH/USP - é uma das maiores referências da crítica literária em nosso meio, sobretudo no que diz respeito à Literatura Feminina (brasileira e portuguesa) e à Literatura Infantil/Juvenil, considerada hoje como disciplina, graças à amplitude de sua visão acadêmica e à profunda percepção da realidade cultural que nos circunda.

Aposentada há dez anos, parece ter redobrado, nesse período, sua dedicação permanente à compreensão e solução dos problemas que atingem o professor num mundo em contínua e acelerada transformação, fruto do formidável processo de aproximação global propiciado pelo progresso tecnológico, sem dúvida determinante no estabelecimento da comunicação humana.

Atenta às circunstâncias que condicionam a Educação e aos caminhos propostos pelo pensador Edgar Morin, busca reformular o pensamento, como meio de enfrentar a complexidade da vida contemporânea.

Sua atuação e inestimável contribuição consubstanciam-se nos diversos cursos ministrados, na orientação de incontáveis projetos de Mestrado e Doutorado, nas diversas palestras e

conferências proferidas, nas inúmeras publicações realizadas, atividades pelas quais vem se responsabilizando ao longo de seu brilhante percurso profissional.

Dentre suas inúmeras publicações, destacam-se: *Dicionário Crítico de Literatura Infantil/Juvenil Brasileira*, EDUSP, 1995; *Literatura Infantil (teoria e análise didática)*, Editora Moderna, 2000; *Literatura: Arte, Conhecimento e Vida*, Peirópolis, 2000 e, mais recentemente, o *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, Escrituras, 2002, único no gênero no Brasil, a ser lançado no mês de novembro.

A importância de que se reveste a obra da Profa. Nelly Novaes Coelho que, aos oitenta anos, mantém invejável entusiasmo, capacidade de trabalho e pioneirismo, instigaram-nos a ampliar, por meio de entrevista, aspectos decisivos de sua vida acadêmica e de sua produção intelectual.

Contando com sua honrosa aquiescência, pudemos conhecer o desenrolar de sua carreira, suas preocupações no campo didático-científico, o perfil de seus cursos, suas propostas curriculares e a motivação de suas publicações, que ora apresentamos ao público leitor.

Aida Ramezã Hanania
Livre-Docente, Doutora e Mestre em
Letras pela FFLCH-USP e Profª. Titular
nesta Instituição

ENTREVISTA COM NELLY NOVAES COELHO

ROTEIRO E REALIZAÇÃO: AIDA R. HANANIA e RITA COUTO

Dialogia – Tendo em vista a repercussão de seu trabalho no âmbito da Docência e da Literatura, gostaríamos de conhecer um pouco de sua trajetória como docente, pesquisadora e crítica literária.

Nelly N. Coelho – Posso dizer que minha carreira se deveu a uma necessidade interior de participar do mundo além dos limites da vida familiar, de esposa e mãe, que sempre me foi grata! Mas à medida que meu filho crescia, ia para a escola, fui ficando com tempo livre, e a vontade de fazer alguma coisa a mais foi crescendo. Resumindo: resolvi voltar a estudar e acabei prestando vestibular para a Faculdade de Letras da USP, na famosa “Maria Antônia”. Foi uma grande experiência: o convívio com adolescentes... Eu era a única aluna casada da turma. Estávamos nos anos 50 e, nessa época, mulheres casadas não costumavam mudar a rotina do casamento, sem ser por necessidade econômica. Enfim, foi uma grande experiência de vida e de enriquecimento interior, que continua até hoje. Tive a sorte de estudar com grandes mestres franceses, espanhóis, italianos e brasileiros, claro! Era um pessoal altamente preparado e com muita paixão pelo que fazia.

Dialogia – Você se adaptou com facilidade à rotina acadêmica?

Nelly N. Coelho – No que diz respeito à organização do pensamento dentro das diversas diretrizes teóricas, foi difícil, exigiu (como a todos) um grande esforço e muita dedicação. Mas quanto à natureza dos trabalhos de análise literária, foi fácil. Isso porque, como pertencço a uma geração que tinha na leitura literária seu grande entretenimento, eu já conhecia grande parte dos autores que eram objeto dos estudos. Tratava-se então de uma nova leitura, uma nova descoberta, mas não era matéria desconhecida, como o era para os meus colegas. Eles tiveram muita dificuldade em realizar as análises. Lembro que fazia reuniões com eles em minha casa e os ajudava a encontrar os caminhos dos textos. Foi quando descobri como é importante para a própria vivência do indivíduo o conhecimento do mundo da literatura.

Dialogia – A Faculdade mudou suas relações com a literatura? Ou não alterou nada?

Nelly N. Coelho – Claro que alterou. Principalmente os estudos de História da literatura, pois fui descobrindo a

essencialidade ou a autenticidade das experiências de vida que serviam de matéria aos romances, à poesia; pude perceber como e por que os estilos vão mudando de época para época e como as mudanças históricas mudam também a alma humana.

Dialogia – Foi durante os cursos que começou a fazer crítica literária?

Nelly N. Coelho – Não. Claro que os trabalhos que realizávamos nos vários cursos eram, por natureza, trabalhos de análise literária, o que já é um caminho aberto para chegar-se à crítica. Na verdade, descobri, praticamente por acaso, que podia enveredar por esse caminho. Em 1961, fui levada a escrever um artigo sobre Jorge Luis Borges, para o Suplemento Literário do Estadão. Isso porque eu havia começado minha carreira docente na USP, na área da Literatura Espanhola e Hispano-americana, como assistente do Prof. Luis Amador Sanchez (pai do Luis Gustavo da TV). Enfim, devido a esse detalhe, escrevi o tal artigo. Dele resultou que o então diretor do Suplemento, Décio de Almeida Prado, de tempos em tempos me pedia para escrever tal ou qual resenha ou artigo... e acabei como colaboradora do Suplemento, durante dez anos.

Dialogia – São os acasos da vida. Você acredita em acasos ou acha que há algo determinante na vida da gente?

Nelly N. Coelho – Eu já me tenho perguntado muito sobre isso. As coisas decisivas que nos acontecem e mudam o

rumo de nossa vida são por acaso, ou haveria algo já determinado? Difícil dizer. Mas foi por acaso que Jorge Luis Borges e Décio de Almeida Prado entraram na minha vida e nela abriram uma nova vereda. Na verdade, a carreira de crítica literária nunca me passara pela cabeça. Acreditem que levei muito tempo para me dar conta de que era isso que eu fazia, quando escrevia as análises que nos pediam durante os cursos. E quando descobri isso, minhas aulas e o trabalho da crítica se misturaram. Não sei nem dizer onde uma começava e a outra acabava.

Dialogia – A propósito dessa mistura, em um de seus ensaios, você alude à Literatura, como uma espécie de “fio de Ariadne” conduzindo ao conhecimento. Isso está acontecendo ou não hoje em dia?

Nelly N. Coelho – Exatamente, não está acontecendo, mas é nessa direção que os novos currículos precisam orientar-se.

Dialogia – Seria por desconhecimento do papel da Literatura, ou por uma metodologia inadequada?

Nelly N. Coelho – As duas coisas. Sem dúvida, a causa do desconhecimento geral da literatura se deve à natureza do sistema de vida atual, moldado, organizado, dirigido pela magia da tecnologia, da cibernética, da informática etc., etc. Sistema dinamizado pela velocidade da imagem, da informação em avalanche, que cai sobre nós, sem o tempo necessário para a assimilação, para a reflexão. A partir dos anos 50, quando a televisão começou a

expandir-se e a entrar em todos os lares, o hábito da leitura foi-se extinguindo. No ritmo deste nosso tempo, controlado pela “lei do mercado” (que é hoje o Grande Poder controlador do mundo), já não há lugar para a leitura literária, pois esta exige concentração, provoca a interiorização do ser, o encontro do eu consigo mesmo, por meio da experiência do “outro”, que vive no grande romance ou na grande poesia. E como sabemos, concentração e interiorização exigem tempo para se realizarem. A partir de meados dos anos 60, todos nós, na USP (e claro que nas demais faculdades também) começamos a sentir os efeitos da gradativa abolição do hábito da leitura literária. A cada nova turma, sentia-se mais fundamente a deterioração da leitura, o que significa que também a consciência crítica de cada um ia-se diluindo. Na verdade, não podemos separar a possibilidade de reflexão, de concentração do eu sobre si mesmo, e a formação da consciência crítica que cada um de nós precisa ter em suas ralações com o mundo.

Dialogia – Como podemos entender esse aparente paradoxo: que os multimeios de comunicação, portanto, de informação, de conhecimento, provoquem essa ausência de consciência crítica?

Nelly N. Coelho – Realmente é um paradoxo. Por um lado, nunca se viveu uma época em que as informações, o conhecimento do que vai pelo mundo, se difundissem tão rapidamente. Vivemos num mundo realmente mágico.

Lembram-se da Guerra do Golfo Pérsico, a que assistimos como se fosse um filme de ficção científica? Realmente, nos perguntamos: hoje, como distinguir o que é real do que é virtual? Enfim, vamos ao paradoxo: é preciso lembrar que o ser humano vive muito mais pelo seu imaginário, pelo sonho, pelas fantasias, pelas emoções do que pela razão, pela concretude dos fatos do dia-a-dia. E o que faz a televisão? Ela alimenta o nosso imaginário; tal qual o cinema (só que este não entra por nossa casa adentro!) a televisão é uma arte (e entre nós, uma esplêndida arte, de altíssima qualidade técnica e artística!). E como toda arte, age de maneira subliminar, isto é, ela passa a sua “mensagem” sem que o seu espectador ou leitor o perceba. Assim como a arte da publicidade, ela dá a ordem para seu consumidor, sem que ele perceba; ele inconscientemente recebe a “ordem” e, na ocasião propícia, vai comprar o produto. Não é assim? E qual o mal desse processo? O fenômeno é bastante complexo, mas, trocando em miúdos, aponto o fator que me parece central nessa questão: o conhecimento epidérmico das coisas que são mostradas ao telespectador. Explicando melhor: o alimento que a TV oferece ao nosso imaginário (sempre sedento de sensações) é invariavelmente reduzido a “espetáculo” sedutor e efêmero. Na TV, tudo é transformado em “performance” (aliás, este é o ideal que a sociedade globalizada, por meio das multimídias, oferece às crianças e jovens: dar-se em espetáculo!). É só prestarmos atenção, por exemplo, ao noticiário dos

crimes: os criminosos ou simples bandidos são transformados em verdadeiros heróis do vídeo, não é?

Dialogia – Tem razão, o noticiário policial acaba se transformado em verdadeira escola do crime.

Nelly N. Coelho – Claro, quantos e quantos criminosos já disseram que tiveram a sugestão dos crimes que cometeram, devido a filmes! Mas, voltando à “performance”: ela é toda exterioridade e dura apenas uma pequena porção de tempo. *Time is money*, como dizem os americanos e o resto do mundo globalizado – uma “performance” é logo substituída por outra. Enfim, o que importa notar é que todo conhecimento que nos chega pelas imagens e em tempo acelerado (no tempo da máquina e não no tempo humano) é necessariamente superficial, epidérmico. Tudo é passado ao telespectador velozmente, e é por ele assimilado maquinalmente, no caso de ele não ter formado sua consciência crítica, aquela que se forma pela reflexão, pelo corpo-a-corpo com o conhecimento cultural e que permite uma relação autêntica do eu com o mundo, por intermédio das idéias e do julgamento dos valores ou desvalores do que nos rodeia. É nesse sentido que há muito se fala na atual “robotização” do grande público.

Dialogia – É contra essa “robotização” que você vê na literatura um instrumento de resistência?

Nelly N. Coelho – Exatamente. É contra essa apatia mental, que vemos a urgência

de se estimular a leitura da literatura. E isso só pode começar a acontecer, de fato, com a reformulação dos currículos, a mudança de métodos etc. Mudanças difíceis, que vêm sendo tentadas pelos vários experimentalismos, mas que só serão alcançadas a médio e longo prazos, pois resultarão de uma mudança de mentalidade, o que, como sabemos, é das coisas mais difíceis que existem.

Dialogia – Você acha que as mudanças curriculares que começaram a ser propostas a partir dos anos 60 estariam nessa linha de mudança de mentalidade?

Nelly N. Coelho – Sem dúvida. Mas, como foi o início de fenômeno tão complexo, seu maior resultado foi aprofundar o caos, embora abrindo caminho para um novo sistema que ainda não surgiu. É só nos lembrarmos da confusão entre política, educação e ensino que marcou a área da Educação. A partir dos anos 60 teve início a “massificação” do ensino que, por um lado, foi fundamental, pois abriu as portas das faculdades para um elevado número de alunos (e o que ganhamos em quantidade perdemos em qualidade) e, por outro, foi desastroso, pois minimizou a importância do estudo da Língua Portuguesa, da Literatura e da Filosofia, substituídas por “Comunicação e Expressão”. Quem estava lecionando nessa época deve lembrar a grande confusão que se instalou, com o embaralhamento entre o que era a Literatura como alimento da mente, do mundo interior do ser, e a literatura como participação na coisa

pública. Incentivava-se (como na maioria das escolas ainda hoje) a leitura de anúncios, artigos, reportagens, todos esses textos descartáveis, circunstanciais, leitura que, no fundo, tinha uma conotação política: recusa ao que era visto como “elitismo”, em defesa do que se considerava equivocadamente “democratização”. E bem sabemos que essa “democratização” tem que ser escrita “entre aspas”, já que ainda estamos longe de viver uma verdadeira democracia, pois em várias regiões do Brasil, como sabemos muito bem, continua a predominar uma mentalidade feudal: a do “senhor” e seu poder absoluto sobre o “servo”. Isso sob os mais variados disfarces.

Dialogia – É nesse sentido que podemos entender o fato de que, hoje, quem defende a qualidade no ensino é freqüentemente chamado de elitista, não é?

Nelly N. Coelho – Exatamente. Eu lembro que nos anos 70, quando houve a “arrebentação” da estrutura mantida na Faculdade da “Maria Antônia” e a USP mudou-se para a Cidade Universitária, não aderi à chamada “democratização” que, no fundo, resultava na banalização da cultura; permaneci um tanto *outsider*. Visceralmente democrata, continuei preservando as qualidades reais que devem cercar uma formação humanística. Hoje, a “fervura política” já baixou um pouco na esfera do ensino, e a tendência para preservar a cultura humanística está crescendo em toda parte.

Dialogia – As sucessivas alterações na Lei

de Diretrizes e Bases têm auxiliado a valorização da cultura humanista?

Nelly N. Coelho – Sim e não. Por um lado, essas alterações têm visado à formação do cidadão, por meio de uma educação que se quer democrática, popular, o que é muito bom; por outro, vêm minimizando ou deixando de lado as disciplinas da área de humanas (Literatura, Filosofia, História, Sociologia), disciplinas que realmente formam a visão-de-mundo do aluno. Com isso, há uma ênfase muito grande na formação do cidadão e pouca atenção para a formação do ser humano. Aí me parece estar a grande falha do atual sistema de ensino (se é que podemos falar em “sistema”). Sabemos bem que tornar-se cidadão não basta. É preciso primeiro descobrir-se ser humano, auto-conscientizar-se de que cada eu, cada indivíduo é uma parte integrante e importante da grande trama da vida, e não apenas de seu país. Não podemos esquecer que a perenidade da vida no universo depende visceralmente de cada um de nós, cada qual em seu pequeno espaço de convivência e atuação. É essa a lição maior que a grande literatura contemporânea nos tem dado.

Dialogia – A seu ver, o que falta para que essa formação humanista aconteça?

Nelly N. Coelho – Como vocês sabem muito bem – pois, como professoras, vivem diariamente os problemas –, a alteração dos caminhos do ensino depende de mil e um fatores e, em todas as nações, a situação de busca é a mesma, com maiores ou menores

dificuldades. Entre os pontos em que todas as discussões de reforma curricular coincidem está a valorização da Literatura e da História como os grandes meios de conhecimento humanístico, ou seja, Literatura como meio de conhecimento, e não de entretenimento, como o que os meios televisivos oferecem.

Dialogia – É que tradicionalmente a literatura é vista como diversão, entretenimento, e aí acabou perdendo para a televisão.

Nelly N. Coelho – Claro que, como entretenimento, a televisão ganha de todos os demais meios. Mas aí é que está o equívoco quando se fala em literatura na escola: ela já foi o grande entretenimento das gerações passadas (e hoje ainda é para os que são “leitores” de fato). Um entretenimento de alto valor estético, ético, existencial, etc., que foi substituído pela simples diversão a partir do momento em que entramos na Era da Imagem e da Velocidade, que é a nossa. Claro que ninguém pensa em retorno ao passado! Já não podemos prescindir das grandes conquistas científicas que mudaram a natureza do nosso viver. O que falta é encontrar o equilíbrio entre as exigências do humano e as imposições da máquina.

Dialogia – Os novos Parâmetros Curriculares poderão contribuir para essa importante conscientização?

Nelly N. Coelho – No que diz respeito à formação humanista do aluno, muito pouco. E isso porque toda ênfase desses

Parâmetros foi dada ao estudo da Língua Portuguesa. A literatura foi deixada de lado, ou reduzida a mero texto para o exercício da língua. As escolas ficaram livres para escolherem ou não a literatura como disciplina autônoma. Os organizadores dos Parâmetros se fundamentaram em conceitos teóricos de alto valor no atual contexto cultural (tais como: Lingüística, Semiologia etc.), daí a ênfase na língua. Mas não podemos esquecer que ela é apenas um instrumento de que nos valem para nossa comunicação com o mundo. A Língua é “ferramenta” à nossa disposição para construirmos algo com a linguagem. O amplo conhecimento da língua nos é indispensável, pois ela é o nosso meio de expressão. Entretanto, o importante é sabermos o que pensar, dizer e comunicar por meio dela. Esse “o quê?” é fornecido pela Literatura, na qual a palavra está “em situação”, isto é, em convívio com o mundo-da-vida transformado em linguagem.

Dialogia – A Literatura seria, portanto, um dos caminhos para a reforma do ensino?

Nelly N. Coelho – Sem dúvida, é urgente que se redescubra a Literatura (a leitura, o corpo-a-corpo com a palavra) como o grande meio de conhecimento do ser humano. Não podemos esquecer que a matéria prima da escrita literária é a experiência humana, as paixões, dúvidas, anseios, desejos, ideais, ódios, ciúmes, frustrações etc., etc. A leitura permite a

cada um de nós conviver com essas experiências e ampliar nosso mundo interior. A grande literatura expõe os grandes problemas humanos. Naturalmente, não se pode viver todas as experiências de vida, mas pode-se vivenciá-las pela arte, ampliando nossa visão-de-mundo numa determinada ordem. E mais: não podemos esquecer que o único meio de expressarmos tais experiências é a palavra – ela faz parte da matéria prima da Literatura. Não podemos esquecer que é a palavra, é o dom da fala que nos diferencia dos animais. Enfim, sabemos que é urgente que os currículos abram espaço para que os estudos lingüísticos interajam com os estudos humanísticos (Literatura, História, Sociologia etc.).

Dialogia – Acha que isso será possível, no atual sistema em que vivemos?

Nelly N. Coelho – A curto prazo, não. Mas há tempos que os debates e as experiências vêm se sucedendo, no Exterior e entre nós. Por enquanto não têm grande repercussão na prática do ensino, o que é natural. As transformações de sistemas são sempre lentas, trata-se de um fenômeno complexo, mas já dá para perceber que as idéias geratrizes mais atuantes são: a inter ou transdisciplinaridade (evitando a separação dos saberes, no entendimento do ensino tradicional) e o humanismo, no sentido de uma redescoberta do ser humano e sua inter-relação com o mundo. É isso que a literatura contemporânea vem buscando.

Dialogia – É a mesma linha de pensamento do sociólogo francês, Edgar Morin, que tem estreita ligação com nossos intelectuais?

Nelly N. Coelho – Em grande medida, sim. Edgar Morin é o “papa” do Pensamento Complexo, linha de pensamento que defende a interação entre as diferentes áreas do saber, contra a superespecialização ou a separação entre os diferentes saberes, tal como foi consagrado pelo pensamento tradicional, cartesiano. Em meu trabalho de pesquisa, tenho sido influenciada, entre outras, pela obra desse genial francês (que por sinal é muito amigo do Brasil!). Ele é um dos pesquisadores que, na França, procuram novas soluções para a reestruturação do ensino. Soluções que apontam sempre a Literatura como um possível eixo ordenador das diferentes disciplinas. Para conhecê-lo, recomendo principalmente a leitura de seu último livro publicado no Brasil e especialmente dedicado aos professores: *Cabeça bem-feita*, da Bertrand do Brasil. De uma maneira didática, Morin faz uma espécie de síntese dos princípios de seu método para a conquista do novo modo de pensar e conhecer, em meio ao caos de valores em que hoje vivemos. Foi dentro dessa nova óptica que, por exemplo, tentei estruturar um curso transdisciplinar, tendo a Literatura como o “fio de Ariadne” para sairmos do atual labirinto do ensino. Esse pré-projeto foi publicado em meu livro *Literatura: arte, conhecimento e vida*.

Dialogia – Foi essa nova óptica que a levou a criar, pioneiramente, a disciplina de Literatura Infantil no curso de Letra da USP?

Nelly N. Coelho – Em parte, sim. E em parte resultou de meu inesperado envolvimento com a Literatura Infantil nos anos 70, quando (não sei de que modo; os acasos, como sempre!) me vi ligada à fundação do CELIJU – Centro de Estudos de Literatura Infanto-Juvenil, liderado por Lenyra Fraccaroli (que já havia fundado a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato) e mais um grupo de escritoras – Odette Barros Mott, Lúcia Góes, Bárbara Vasconcelos, entre outras. O surgimento desse centro de estudos coincidiu com o surto de criatividade literária que aconteceu entre nós e que hoje chamamos de boom da Literatura Infantil dos anos 70/80. É quando surge uma plêiade de escritoras e ilustradores, hoje consagrados: Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, entre outras e outros. Entre os grandes ilustradores, lembro Eliardo França, Gian Calvi, Walter Ohno e o grande talento de Eva Furnari, todos eles respondendo pela alta categoria de nossa produção literária para crianças, já consagrada no Exterior. Enfim, foi esse aparecimento de uma inovadora literatura para crianças e a crescente certeza de que, para realizarem a nova tarefa docente, os futuros professores precisavam receber uma formação específica em Literatura, que nos levaram a propor ao Departamento de Letras da USP a criação dessa disciplina. Foi aprovada, instalada e, já hoje, completando

vinte anos de existência, com pleno sucesso entre os alunos, também uma das disciplinas mais procuradas nos cursos da Pós-Graduação, talvez porque reúna conhecimentos de duas áreas afins: Literatura e Pedagogia / Didática.

Dialogia – Não acha que um curso como esse poderia ser oferecido como disciplina comum a essas duas áreas, Literatura e Pedagogia?

Nelly N. Coelho – Sem dúvida. A meu ver, o curso de Pedagogia parece ser dos mais carentes de fundamentação humanista. Nesse sentido, seria ideal a união de ambas as áreas em um curso comum. Na verdade, cheguei a elaborar, com um grupo de colegas, um projeto de curso transdisciplinar que envolvia Literatura, Pedagogia, História, Filosofia, Psicologia. Ele foi proposto à Faculdade de Educação/USP, mas infelizmente a burocracia o barrou. Para não se perder totalmente o enorme trabalho que tivemos na sua elaboração, resolvemos oferecê-lo como Curso de Atualização na área Letras, com a duração de um ano e meio, aos sábados, das 8 às 16 horas. Foi realmente um sucesso: dos 70 professores inscritos, 68 chegaram até o fim, o que é espantoso, pois o normal é que haja esvaziamento dos cursos durante sua realização.

Dialogia – Foi uma espécie de reciclagem de professores?

Nelly N. Coelho – Exatamente. Um curso de atualização para professores interessados nas várias áreas de

conhecimento. E mais, foi organizado em 3 módulos, com determinado número de horas cada um: o primeiro, visando o professor como leitor; o segundo, o professor como pesquisador, e o terceiro, o professor como docente. Como vêm, o curso visava o professor, antes de tudo, como ser humano, autoconsciência e auto-estima, sem o que ninguém pode ser um professor competente e bem sucedido.

Dialogia – Dado esse sucesso, não pensou em repetir essa experiência?

Nelly N. Coelho – Essa experiência, não. Não havia (nem há) condições materiais para repeti-la. Mas continuo pensando em estabelecer um “ponte” entre Pedagogia e Literatura. Sem dúvida, é estudo que deve fazer parte da formação do futuro professor. Estou sonhando em escrever um livro para o Curso de Pedagogia, no qual possa demonstrar o papel desempenhado pela Literatura na aventura humana, desde a Antigüidade Clássica (Grécia e Roma), onde a civilização ocidental tem suas raízes. A idéia básica é compor um panorama transdisciplinar, apoiado nos vários períodos da História, e que mostre o surgimento e evolução no tempo (até chegar a este limiar de século) das diferentes concepções de Pedagogia e de Literatura. Penso em algo que seja prazeroso à leitura e que favoreça a conscientização das novas gerações, quanto à essencialidade da cultura, para um viver mais pleno.

Dialogia – Em grande parte de seus escritos, você realça a importância da

consciência crítica a ser conquistada pelos sujeitos, como uma espécie de força de resistência contra a ação desagregadora dos mídias, principalmente da televisão.

Nelly N. Coelho – É verdade. Essa ênfase na consciência crítica tem sido uma das minhas maiores preocupações na orientação dos cursos para professores e na orientação de teses. Sabemos que sem essa autoconsciência de “ser e estar-no-mundo”, como diz Heidegger, a vida não pode ser plenamente vivida. Entretanto o Sistema em que estamos vivendo dificulta cada vez mais essa conscientização. Referimo-nos, é claro, à natureza visual, veloz, fragmentada (tipo videoclipe) do grande meio “educador” que é a televisão. Uma comunicação rápida (em ritmo de máquina, e não do humano), sedutora, mágica, que alimenta o imaginário, mas sempre puxando o eu para fora de si mesmo, aprisionando-o no “espetáculo”, na pura exterioridade, sem lhe dar tempo de reflexão, de interiorização, oferece-lhe tudo pronto; é só engolir passivamente.

Dialogia – Daí a robotização de que se falou há pouco.

Nelly N. Coelho – Exatamente. Claro que os que têm consciência crítica formada não se deixam arrastar, nem ser robotizados, aceitando, como verdade absoluta, o que é apenas virtual, ou é “maquiado” para parecer verdade. Note-se, porém, que esse efeito perverso não decorre da TV em si, pois ela é uma das mais extraordinárias conquistas da Ciência e da Tecnologia, e também das mais eficazes. A perversidade a

que nos referimos, como todos sabemos, advém da natureza dos programas em geral, que dão primazia quase absoluta ao mal, ao erro, á violência, ao “lixo humano”, ao sensacionalismo vulgar, com a alegação de que é isso que dá a “grande audiência”.

Dialogia – É lamentável, mas os programas estão cada vez piores na escolha de seus temas e espetáculos deprimentes ou gratuitos. De onde pode vir a solução?

Nelly N. Coelho – Sem ser vidente, parecemos claro que a solução só pode vir da Educação, a curto, médio e longo prazos. Deve resultar de uma crescente conscientização que chegue a formar uma forte “massa crítica” que possa, por sua vez, impor a quem de direito que a natureza dos programas seja mudada. Não se trata de utopia, é algo que pode e deve acontecer, quando, na esfera da Educação e do Ensino, um nova concepção de mundo for difundida. Estamos num momento de acelerada mutação. A literatura contemporânea aponta para isso. E as centenas de “pequenos grupos” de escritores, professores e pesquisadores que tenho encontrado por todo lado em minhas viagens e contatos mostram que esse ideal não é utópico. Não tenham dúvida: há uma “revolução silenciosa” que está se realizando no interior das mentes, no “mundo dos pensantes”, ao qual pertencemos todos nós que habitamos a esfera dos estudos. E quando essa Nova Era chegar, não haverá espaço para os *reality shows* nem para os espetáculos que só se alimentam de exterioridades ou da

degradação humana; espetáculos que oferecem aos jovens modelos de auto-realização utópicos e perversos, porque inacessíveis à esmagadora maioria. O grande ideal, hoje, é o de investir no interior do próprio eu, em suas potencialidades a serem descobertas e no Saber. É esse o caminho que está à espera das novas gerações, os “mutantes” de quem depende a Nova Ordem do mundo de amanhã. É só não esquecer a grande Verdade: é a mente que comanda a vida no universo e está por trás de toda espécie de poder e de ação.

Dialogia – Voltando à Literatura: sabemos que V. está preparando uma obra de fôlego sobre a produção literária feminina. Pode nos contar um pouco a respeito?

Nelly N. Coelho – É realmente um obra de fôlego. Reuni nesse *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, a produção literária feminina de três séculos (XVII-XIX-XX), num total de 1400 autoras, sendo a maioria do século XX. Escrever esse dicionário foi como procurar agulha em palheiro.

Dialogia – Quais as fontes que usou?

Nelly N. Coelho – Várias. Para os verbetes das escritoras do passado, me vali das inúmeras antologias, bibliografias, dicionários, enciclopédias etc., que registram informações sobre a Literatura Brasileira em geral. Para as escritoras do presente, contei com a colaboração de colegas de todos os Estados brasileiros, que se dispuseram a divulgar, em suas regiões,

o meu projeto e endereço para que as interessadas me mandassem diretamente seus livros e currículos. E realmente deu certo: choveram livros e informações biográficas. Durante dez anos consultei uma verdadeira avalanche de livros e dados. E o dicionário surgiu.

Dialogia – Qual o critério que V. usou para a inclusão das autoras?

Nelly N. Coelho – Incluí apenas as que tinham pelo menos um livro publicado de poesia, ficção, crônica, memória e teatro (neste, podia ser só publicação em antologias ou na imprensa). Por uma questão de limite material, as ensaístas não fazem parte deste livro, pois, entre nós, somam-se às centenas!

Dialogia – Encontrou diferença entre a literatura dos homens e a das mulheres?

Nelly N. Coelho – No que diz respeito ao domínio da técnica, aos temas, problemáticas, variedade de estilos, etc., não há diferença: escritores e escritoras são influenciados pelas mesmas forças atuantes no “mundo pensante”. A maior ou menor qualidade literária também não é questão de sexo, mas de talento. O que há é uma reação diferente em face de determinados problemas ou temas, que resultam das diferenças naturais entre homens e mulheres. Por exemplo, as reações em relação às transformações profundas pelas quais estão passando não só o “modelo” de mulher, herdado da tradição, mas também o novo lugar que a mulher está sendo levada a assumir no

mundo de hoje. As interrogações são muitas e, por enquanto, nenhuma resposta é decisiva.

Dialogia – Mas na obra dos escritores não há interrogações?

Nelly N. Coelho – Claro! Vivemos em um mundo sem valores absolutos, em pleno relativismo das “verdades”, portanto, aos criadores cabe o interrogar até que, um dia, surjam as novas respostas definitivas.

Dialogia – Para finalizar, gostaríamos que fizesse um balanço de sua obra e nos dissesse qual a contribuição que ela pode trazer para o campo da Literatura e, mais amplamente, para o das Humanidades.

Nelly N. Coelho – Difícil responder. Primeiro, porque nem sei se realmente construí uma obra; segundo, porque não tenho a menor idéia do que será necessário para a formação das novas gerações no futuro. O que posso dizer é que o objetivo maior de meu trabalho como professora foi a Educação de base humanista, isto é, o ensino da Língua (portuguesa, latina, francesa, espanhola... ensinei várias línguas) visava à descoberta do complexo mecanismo da linguagem, como produto da inteligência humana, em busca de se expressar e entrar em comunicação com o “outro”. É pela palavra que o meu “eu” passa a existir verdadeiramente para o “outro” e vice-versa. Quanto ao ensino da Literatura, nos diferentes graus, procurei sempre revelá-la como algo prazeroso e essencial à nossa vida. Nos estágios mais avançados, em que já entrava interpretação

e análise, procurei sempre contextualizar a obra literária em seu momento histórico ou social, para mostrar que a verdadeira criação literária não é fruto da eventual fantasia do autor, mas nasce em seu imaginário, fecundada pelo tempo, pelas circunstâncias em que vive e, evidentemente, por suas próprias paixões, emoções, ideais, etc., etc. Em síntese, sempre procurei abrir caminho para que os alunos se tornassem habitantes do “mundo

da literatura”, e se enriquecessem por dentro. Com vida interior pobre, quem pode ser feliz? Creio que é impossível! Talvez eu seja uma espécie de Quixote lutando contra “moinhos de vento”, mas a verdade é que, chegada aos oitenta anos, já tive a prova de que um dos grandes caminhos para o encontro da vida plena – eu/outro/mundo – é o da Literatura ou das Artes em geral. É o “dentro” de nós o que mais importa, o resto virá por si.